

# A REFERÊNCIA MITOLÓGICA PARA A FORMAÇÃO DO HOMEM AMAZÔNICO

---

### **Herondina Brasil Bulhosa**

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Especialista em Filosofia da Educação (UFPA). Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da EAD. Professora na Educação Infantil. Integrante do Grupo de Pesquisa em Filosofia, Ética e Educação (GPEFEE – UFPA) Membro do Movimento de Contadores e Contadoras de Histórias da Amazônia (MOCOHAM)

## 1 | INTRODUÇÃO

A natureza do homem como aquele proveniente de um ser que vive em sociedade, ao se constituir como tal, transporta infinitas memórias, simbologias e arquétipos que acabam por contribuir na forma como este se encontra. Diante disso, incalculáveis descobertas e explicações, os mitos, as lendas, as narrativas oníricas sempre fizeram parte do universo da raça humana desde os primórdios da civilização antiga, inúmeros ensaios foram realizados como tentativas de desvendar o mundo

que os cercava em dado momento. A Amazônia, a região permaneceu isolada das demais durante muito tempo, nos séculos XVI e XVII principalmente, característica que acabou por contribuir na forma como economicamente a região sustentou-se nesse período.

Nesse contexto de isolamento amazônico destacado por Loureiro (2015) foi que a Amazônia se constituiu, afastada espacialmente das demais regiões do país, para estabelecer intercâmbios culturais e isso contribuiu para que a Amazônia fosse um local propício para estar envolta de mistérios.

Essa condição vivida, acabou por acentuar a visão folclórica que se criou sobre a mesma. Facilitando por sua vez com que o homem dessa região denominado de homem amazônico, o caboclo, para Loureiro (2015) recorresse as narrativas mitológicas como tentativas de desvendar o “desconhecido”, “o estranho” e de lhe dar condições necessárias a princípio para lhe dar com o que lhe causava tanto medo.

[...] Os homens passavam por uma tempestade com raios, trovões, ventos fortes e não sabiam explicar a razão de tais acontecimentos na natureza e outros tanto que assistiam com horror e desconhecimento. Era assustador não compreender aquilo tudo. [...] e, assim, com a enorme necessidade de comunicar tudo aos seus semelhantes, criaram condições para isso, por meio de gritos, gestos, danças e desenhos (FONSECA, 2013, p. 21).

Fruto de uma necessidade da raça humana, de estar para além da compreensão, está a transmissão do que foi vivido pelo homem por meio do contar aos outros essa experiência tida. Esse estado em que o homem desejou partilhar com os outros usando para tanto o que estivesse ao seu alcance forneceu pilares para que a tradição dos contos fosse passada de geração a geração. O conhecimento precisava ser compartilhado com os descendentes de alguma forma. Fonseca (2013) assinala que comunicação era desejada pelo homem como algo natural ao seu próprio e que por esse motivo tinha de ser realizada de alguma maneira, essas histórias advindas da relação familiar entre homem e natureza daí o porquê de conseguirem ultrapassar a linha do tempo, as histórias amazônicas possuem esse viés de habitar as pessoas a cada vez que são narradas. Fazendo parte delas a partir desse momento.

A relação de proximidade estabelecida entre o homem amazônico e o meio ambiente no qual se encontrava, pode ter contribuído para que a mitologia aflorasse. As narrativas místicas são experimentadas por ancestrais, ora mais afastados, ora bem próximos como parentes (avós, tios, primos, padrinhos e amigos) ou até mesmo pela pessoa que conta (narrativa realizada em primeira pessoa fornece essa característica ao que está sendo narrado) e isso é feito de uma forma muito distinta, o universo regional conspira para uma espécie encantamento, enredamento de quem narra e quem escuta. A realidade e o sobrenatural coabitam num mesmo espaço, quase como se um complementasse o outro. Como isso seria possível? O que faz as narrativas que possuem o caboclo amazônico como personagem central possui esse poder de transitar entre a dita realidade e o onírico? No decorrer das lendas, dos mitos acompanhamos o medo, o suspense, o conselho, a sabedoria, a paciência, a espera, a escuta, o castigo, entre outros conceitos notados nas histórias. Fazendo-nos refletir sobre a filosofia presente na postura dos personagens e por consequência no desfecho dos mitos.

Ao falar de Amazônia não podemos deixar de salientar a cultura da região e, nesse aspecto, concordamos com a assertiva de Loureiro (2015) “A cultura amazônica, tal como se apresenta nos dias atuais, tem suas raízes fincadas numa trajetória histórica marcada por dois elementos fundamentais - isolamento e identidade” (p. 39). Apesar de serem distintas as percepções acerca da compreensão da identidade desse indivíduo que habita a região amazônica, como resultado desse isolamento, que durou por séculos, a Amazônia, desenvolveu uma identidade própria, singular.

Interessante se faz observar que, conseqüentemente, na política, no meio social, na economia é certo dizer que sofreu influências por compor esse desenho e que de

certa maneira perdura até os dias atuais. Deduzimos dessa colocação que as posições espaciais foram decisivas para compor os campos da política, da economia e da identidade (s) da Amazônia. Conforme afirma o Loureiro (2015), fatores mencionados anteriormente foram vitais para que a região fosse vista como um lócus em que o onírico é enfatizado, o imaginário se expressa por meio do maravilhoso, do mítico e do místico.

Um olhar histórico-filosófico mais atento, nos levará a questionar a relevância da mitologia na formação do homem amazônico, considerando a cultura local abastecida de distintos símbolos e arquétipos. Com esse entendimento e da importância da mitologia compreendida nas narrativas orais que ultrapassaram a linha temporal, pensamos ser relevante um estudo dessa temática, a fim de aprofundarmos os limites e as possibilidades das narrativas míticas na constituição do homem amazônico: Como surgiram? Como se constituíram como tal? Como esse legado atravessou o tempo?

No que concerne à metodologia utilizada para o estudo que deu oportunidade para a elaboração deste artigo, utilizamos o conceito de Severino (2016), no que se refere à pesquisa bibliográfica, quando afirma que

[...] é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (SEVERINO, 2016, p. 131).

Com essa concepção, do autor, faz-se necessário ao pesquisador estar em contato direto com tudo que está disponível sobre o tema estudado. Dessa forma, as fontes históricas desse estudo consistem em fontes que, de algum modo, fazem alusão à importância da mitologia para a formação cultural da região amazônica, com a interpretação de constituir-se em imenso legado.

O objetivo geral deste estudo se fundamenta em investigar a influência mitológica exercida sobre o habitante da região amazônica. A investigação dessa questão é de grande importância, pois indica um desafio constante: o de compreender a identidade cultural considerando a Amazônia como lócus da pesquisa.

Como objetivos específicos, aspiramos: Compreender a contribuição mitológica na formação cultural, social e simbólica; Verificar a relevância da mitologia na formação do homem amazônico; Apontar as influências percebidas no contexto amazônico advindas desse universo mítico.

## **2 | MITOLOGIA COMO POSSIBILIDADE DE CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DO HOMEM AMAZÔNICO**

Desde a antiguidade clássica, percebeu-se o anseio do homem de registrar a sua

história seja nas paredes das cavernas, no alto das montanhas, para ele essa ação possuía sentido e significado. Uma necessidade desse homem pré-histórico de deixar suas histórias, suas impressões inscritas para as futuras gerações como uma espécie de preservação da sua própria vida. Ao longo do tempo, esse homem sem certeza de nada aos poucos por meio de tentativas acertadas e também de equívocos foi se lançando ao mundo e aprendendo na prática a aprimorar essa técnica de imprimir nas pedras uma cadência de desenhos que permitiria no futuro a leitura. Utilizando para tanto, coisas advindas da própria natureza para fazer essa marcação nas paredes das cavernas. Assim, as pinturas chegaram até nós e esses registros constituem o passado histórico da humanidade.

Para Fonseca (2012), as dúvidas sobre a gênese do universo, dos animais e das transformações pelas quais a natureza passava em dado momento, exerceram sobre esse homem tamanha inquietação ora fascínio ora pânico. Ao deparar-se com a natureza sem saber o que fazer ao certo, similar a atitude de uma criança frente as coisas que são colocadas diante de si, ao observar “o novo”, o desconhecido à sua frente esse homem foi tateando aos poucos para descobrir como proceder. Foi a curiosidade que habitava nesse homem que permitiu a criação de alternativas para tentar responder ou pelo menos tentar lidar com suas inquietações, frustrações, alegrias e tristezas que o meio lhe causava. A intuição, o instinto de sobrevivência primeiro foi o de compreender o mundo a sua volta, a dinâmica pelo qual as coisas ocorriam nesse “mundo” gigantesco.

Com o tempo esse homem espontaneamente foi aos poucos se permitindo a dar um passo de cada vez. Ao constatar que em determinados períodos certas coisas aconteciam, como flores brotando, rios correndo, pássaros em bando voando no céu. A chuva molhando o chão e lavando a terra. O fim do dia com a lua se colocando no céu. No dia seguinte a presença da estrela sol. O homem olhava para tudo isso e mais incertezas minavam. Sem se dar conta esse homem também foi sendo moldado, foi sendo formado pelas experiências obtidas pela relação com a natureza, pelo pensamento que surgiu a partir dessa relação.

Ao falarmos de formação humana com ênfase na região amazônica temos que entender a formação advinda da assimilação de conteúdos provenientes dos mitos, dos contos e das narrativas amazônicas. Essa formação que prioriza o conhecimento compreendido como um arcabouço cultural por conta de toda a riqueza cultural que esta possui. A educação embora não seja sistematizada como na instituição dita academicista, se faz presente na medida em que necessita ser um instrumento de formação fundamentada no processo de subjetivação humana. O homem estava exercendo a educação de si e de outros sempre que partilhava saberes advindos da experiência com a natureza. Além da educação, a filosofia também esteve presente como campo de conhecimento investigativo, na medida em que o homem começou a questionar, a duvidar de tudo, do mundo e da forma como as coisas aconteciam em dado momento.

Desde os tempos mais remotos os homens fazem as mesmas indagações fundamentais a respeito do surgimento da vida e do universo. Questões

do tipo: como tudo começou? Como as pessoas foram criadas e por quê? Quando fomos agraciados com a vida? Por que fomos amaldiçoados com a morte?, surgiram em todas as culturas. As elaborações míticas, sob a forma de narrativas, foram as primeiras tentativas de responder a essas dúvidas fundamentais e resistem até hoje ao lado das explicações científicas para as mesmas questões (FARIAS, 2006, p. 27).

Concordamos com a assertiva de Farias (2006) de que os homens indagavam sobre as mesmas coisas o tempo todo. Questões fundamentais advindas da origem da vida e do universo. Isso aconteceu em todas as culturas, na Amazônia não foi diferente. Desse modo, os homens foram utilizando as narrativas para relatar os fatos acontecidos em seu cotidiano e, ainda mais, as inúmeras situações que lhes causavam estranhamento, situações que lhes deixavam com medo. Assim, para sentirem-se mais tranquilos, seguros em um ambiente primitivo e não ficar receosos, as histórias orais míticas foram as primeiras tentativas que apareceram quase como que natural e espontaneamente intrínseca à própria condição humana para se conseguir a sobrevivência.

Na região amazônica, aconteceu da mesma forma como aconteceu nas demais culturas: os nativos demonstraram as mesmas dúvidas, os questionamentos permeados de sentimentos como: medos, frustrações, alegrias, dúvidas, tristezas, vitórias com essa cadeia de conceitos talvez ignorados por este homem, precisaram delas para os mais distintos ritos como exemplo os de passagem, nascimento e morte as narrativas foram inscritas nas mentes dos povos antigos que habitaram a região, atravessaram séculos por meio de registros, sobretudo os realizados oralmente, guardados na memória e mais tarde foram recontadas para outrem. Essas histórias, apresentaram desde a sua origem peculiaridades das demais porque nos ajudam a compreender a composição da identidade amazônica da maneira como foi no passado e sinaliza uma possibilidade quanto ao presente e ao futuro.

Múltiplas de significados e mensagens, as narrativas milenares são inesgotáveis e passíveis de inúmeras leituras ao longo da vida de qualquer pessoa. Assim, conforme amadurecemos e releemos as mesmas histórias sob diferentes ângulos, elas nos possuem, permanecem presentes em nossa caminhada e nos trazem novas mensagens. Há sempre fragmentos do passado ancestral que habita o homem moderno, cuja evidência se mostra nessas histórias (FARIAS, 2006, p. 33).

É importante salientarmos a importância das narrativas como possibilidades de significados infinitos como aponta Farias (2006), com o amadurecimento advindo do acúmulo de conhecimento, as leituras serão feitas com maior rigor, com maior profundidade. Ao refletirmos sobre elas conceitos novos apareceram, definições ora tidas como mais coerentes sendo colocadas em dúvida, foram relevantes para uma situação específica, porém em dado momento precisariam ser repensadas. O que o autor menciona como ângulos diferentes nos fazem perceber a variedade de significados que cada narrativa detém em seu arcabouço. O homem contemporâneo que habita a região amazônica é descendente desses fragmentos, herdou da ancestralidade uma infinidade de símbolos,

linguagens, saberes, mas para além disso, foram deixados os mitos, as lendas, os contos como um legado universal. Algo que tem a ver com a noção de pertencer a esse mundo amazônico.

Há, no mundo amazônico, a produção de uma verdadeira teogonia cotidiana. Revelando uma afetividade cósmica, o homem promove a conversão estetizante da realidade em signos, por meio dos labores do dia a dia, do diálogo com as marés, do companheirismo com as estrelas, da solidariedade dos ventos que impulsionam as velas, da paciente amizade dos rios. É como se o mundo fosse uma só cosmogonia, uma imensa e verde cosmo-alegoria. Um mundo único real-imaginário (LOUREIRO, 2015, p. 84).

Loureiro (2015) afirma que no mundo amazônico há uma produção de uma teogonia, daí assentimos a explicação de ações, de imagens que foram criadas a partir dessa concepção de deuses do cotidiano desse espaço. Nesse mundo, a afetividade permeia a relação do homem com a natureza promovendo o que Loureiro denomina como conversão estetizante em signos, por meio dos atos vividos diariamente. Esse homem amazônico conseguia dialogar consigo mesmo e também com as marés, com as estrelas e até mesmo com o vento. Esse mundo não se apresentava simploriamente, exercia fascínio por que transitava entre o real e o imaginário num movimento pendular do qual o homem fazia parte.

O homem sobressai a tudo na natureza, graças a sua ação transformadora e consciente, decorrente, em parte, da capacidade cognitiva que, por meio do conhecimento, dá ao homem o poder de intervir na realidade e modificá-la. Sendo a ação do homem transformadora do mundo, podemos dizer que a relação homem-mundo constitui uma fonte inesgotável de conhecimento e que é de vital importância para nós, de modo que quanto mais conhecemos, mas precisamos conhecer (SOARES, 2009, p. 293).

Salientamos a capacidade cognitiva humana de se sobressair sobre a natureza e por que não dizemos sobre as adversidades, contornando as limitações concordamos com Soares quando menciona a ação transformadora e consciente típicas do homem e que permitem por sua vez condições favoráveis para transformação da sua própria realidade. Com essa compreensão de que o indivíduo desempenhava um papel relevante considerando a capacidade, o poder que detinha de adaptar, de intervir na realidade a seu favor. Na medida em que criou condições para lhe dar com o conhecimento de uma forma mais tranquila, porque aprendeu pela própria experiência. E assim, esse homem foi modificando não somente a natureza, mas a si próprio, o conhecimento foi de extrema relevância para que o homem tivesse esse entendimento.

Na Amazônia, inventamos nossos mitos encharcados de poesia para podermos viver na desmedida solidão de rios e florestas. Mitos de encantados que o próprio recolhimento da palavra no sagrado dos mitos, até que a palavra se torne, ela mesma, o sagrado que se mostra na poesia (LOUREIRO, 2008, p. 16).

Para a sobrevivência na Amazônia, o homem sentiu a necessidade de inventar os mitos. Para Loureiro (2008) os mitos amazônicos são encharcados de poesia. Poesia esta que fez o homem contemplar a beleza contida na solidão dos rios e das florestas. Em momentos solitários, na escuridão, o homem amazônico começou a devanear, a sonhar, a encantar-se com o onírico, com o fantasioso presente nesse momento de afastamento, de isolamento. Compreendendo, portanto, a dinâmica vivida pelo sujeito amazônico, o habitat exerceu influência nas relações econômicas, políticas, sociais, culturais e simbólicas. Percebemos que essa estrutura da forma como se processou no passado, foi decisiva para a constituição da identidade cultural da região amazônica atual.

O imaginário assumiu desde sempre o papel dominante no sistema de produção cultural amazônico. Como consequência, a contribuição amazônica a literatura brasileira se fez e se faz, predominantemente, por meio de produtos desse imaginário, diferentemente do ocorre com as outras regiões brasileiras (LOUREIRO, 2015, p. 85).

O Imaginário amazônico assumiu um papel dominante na produção cultural amazônica. Para Loureiro (2015), essa condição contribuiu para que a literatura dessa região fosse difundida por meio de produtos oriundos desse próprio imaginário. Esse imaginário acabou ajudando a compor a identidade cultural do homem amazônico. Nesse sentido, podemos perceber a relevância da mitologia amazônica na formação deste homem, formação esta que passa pelos campos cultural, social e simbólico.

### **3 | A RELEVÂNCIA MITOLÓGICA PARA A FORMAÇÃO HUMANA NA AMAZÔNIA**

A condição humana e a capacidade cognitiva intelectual permitiram desde os tempos mais remotos que a reflexão e o questionamento acompanhassem os seres humanos lado a lado. Embora, talvez, o homem amazônico não tivesse a ideia de que o conhecimento estava sendo tecido nos mitos, nos contos, nas narrativas, e que estes por sua vez, apresentavam caráter reflexivo, podemos perceber, portanto, o pensamento filosófico constituído na vivência desse homem ao lidar com a realidade da qual fazia parte. Ao questionar, ao duvidar, ao temer o desconhecido, o homem começou a pensar em uma alternativa para que pudesse compreender, sobreviver em uma região como a Amazônia dotada de uma fauna e uma flora bem peculiar. Sem falar no isolamento geográfico da região em relação às demais do país, fato que acabou por contribuir para que o local fosse reconhecido como a Amazônia das encantarias, do encantamento, do maravilhoso.

Assim como a dúvida e a incerteza, a crítica também constitui um elemento básico essencial do pensamento, e possibilita à filosofia o afrontamento da necessidade de constância de segurança que a certeza nos proporciona, do desejo de alcançar o indubitável (SOARES, 2008, p. 118).

O contato com a filosofia deu-se quando o homem começou a duvidar, a não ter certeza das coisas e até mesmo a criticar. Nesse momento, o caboclo amazônico por

meio do pensar alcançou o exercício do refletir sobre tudo e todas as coisas que tinha contato. Não pretendemos discutir a filosofia acadêmica, nesse artigo, por isso não nos aprofundaremos nessa direção. Salientamos a perspicácia desse sujeito ao construir a partir da mitologia narrativas que tratassem de valores, de conceitos, de definições, por meio das ações dos personagens compreendendo quais valores deveriam ser cultivados e o porquê.

De acordo com Morais (2003), o ser humano é resultado da interação com o meio no qual está inserido e dependendo do modo como se relaciona com o mundo que o cerca, desenvolverá múltiplas formas de interação consigo mesmo e também com os demais. Com essa perspectiva não podemos deixar de mencionar, a educação sendo realizada, na medida em que foram contempladas formas de interações entre o indivíduo e a realidade. Portanto, aferimos o processo de formação acontecendo por meio das narrativas orais de uma forma acessível e flexibilizada no seio da região amazônica. Acontecendo ao redor das fogueiras, contadas pelos mais velhos aos mais novos, como um legado cultural sendo passado de geração a geração como tradição de um povo.

Para as crianças, o ensinamento veiculado pelos contos é o de uma moral prática. Desde cedo os contos lhes ensinam as vantagens de um comportamento harmonioso na comunidade. Ensinam que fraternidade, cooperação, solidariedade, amizade são valores necessários à sobrevivência de qualquer grupo (MATOS, 2014, p. 39).

Concordamos com Matos (2014), que por meio dos contos, os ensinamentos foram ao longo de anos sendo transmitidos, compartilhados com os outros. Esses contos serviram para ensinar as vantagens de viver de maneira harmoniosa em sociedade, os que escutavam as narrativas sendo levados a pensar. Conceitos como fraternidade, cooperação, solidariedade, amizade sendo colocados como valores importantíssimos para se alcançar a sobrevivência em qualquer grupo. No entanto, para que se conseguisse isso, era imprescindível que os contos, os mitos, tivessem uma postura atraente, interessante de serem escutados e mais tarde recontados por aqueles que antes foram plateia.

Uma leitura de mundo sendo realizada por meio das histórias mitológicas, o raciocínio sendo exercitado pela imaginação das cenas narradas. Essa leitura contribuiu para a ascensão de uma atividade cada vez mais criativa. Essa ação tão enriquecedora foi fundamental para que o sujeito percebesse futuramente seu papel frente às palavras, passando a compreendê-las por que foi amadurecendo cognitivamente. Na mitologia sempre houve um universo carregado de simbologias, arquétipos e valores. O homem foi adquirindo o conhecimento por meio de um processo dúbio e ao mesmo tempo sendo formado, sem ter compreensão sistematizada, mas também por meio dos questionamentos, das frustrações, das incertezas, das dúvidas todas carregadas em seu ser e que lhes trouxeram tantas inquietações. Observamos, a formação humana em sua natureza inicial, a mitologia contribuiu muito para que esse processo alcançasse êxito. As narrativas foram

essenciais para que os saberes fossem difundidos.

A filosofia como reflexão e modalidade de pensar está em todo lugar. Quando se exercita o poder de pensar, está se elaborando uma forma de reflexão. Pensar é um ato espontâneo da consciência humana. A filosofia deve estar voltada para a própria condição humana, no sentido de encontrar possibilidades que sejam capazes de melhorar a vida das pessoas. De exercer mudança na vida prática, inserida na vivência cotidiana. (BRAGA E SEVERINO, 2014, p. 66).

A filosofia, como afirmam os autores, trata-se de uma reflexão e modo de pensamentos presentes em quaisquer lugares, portanto, inclusive na Amazônia. Com o exercício constante do pensar, realizado pelo homem amazônico, sobretudo está para os autores sendo elaborado uma forma de reflexão. Podemos inferir o ato contemplativo do homem diante da natureza que o cercava. Por meio da mitologia amazônica a educação encontrou possibilidades e forjou condições concretas de melhorar a vida das pessoas desse contexto. O pensar da forma como realizado por esse sujeito de maneira cautelosa, permitiu ir para além da espontaneidade, de fazer transformações no cotidiano das pessoas que habitavam a região.

É evidente nas sociedades de tradição oral a função educativa dos contadores de histórias - Ong utiliza termo cultura oral primária. Nessas sociedades, a palavra oral é o veículo de transmissão de conhecimentos, mas nas sociedades contemporâneas as condições e os veículos de transmissão de saberes são muito diferentes (MATOS, 2014, p. XXXIII).

Percebemos na Amazônia, assim como nas demais sociedades antigas, a forte presença da tradição oral, como enfatiza Matos (2014), com a incumbência de educar aqueles destinados a contar as histórias. Concordamos com a autora, quando afirma que nas sociedades mais remotas a palavra oral se constituiu como um veículo de transmissão de conhecimentos. Nessa época, era a forma de difundir saberes, difundir a própria tradição por meio da palavra. Na Amazônia os mitos são denominados como credices sendo concebidos em caráter coletivo se sobrepondo a individualidades. Possuem como característica principal a unanimidade do grupo em crer fervorosamente que determinadas histórias são verídicas.

Na Amazônia seus mitos, suas invenções no âmbito da visualidade, sua produção artística são verdades de crença coletiva, são objetos estéticos legitimados socialmente, cujos significados reforçam a poetização da cultura da qual são originados. A própria cultura amazônica os legitima e os institui enquanto fantasias aceitas como verdades (LOUREIRO, 2015, p. 105).

Os mitos na região amazônica são produções em que arte é tida como verdade de crença coletiva, Loureiro (2015) afirma que essas produções são objetos dotados de uma estética legitimada pela própria cultura. Além disso, os mitos possuem significados poéticos oriundos dessa cultura que os legitima como verdadeiros e institui o fantasioso como algo verdadeiro. É nesse contexto mítico e poético que o homem amazônico conseguiu situar-

se em relação ao tempo presente. Por isso, para Loureiro, o caboclo amazônico é definido como uma espécie de Hesíodo tropical, um verdadeiro poeta exercendo um papel essencial dentro desse contexto, as narrativas oralizadas por ele acaba por valorizar e enaltecer o mundo ao qual ele pertence, repleto de representações imagéticas, místicas e simbólicas. “Para o caboclo plantador e pescador de símbolos, a imagem parece estar constituída de uma força própria” (LOUREIRO, 2015, p. 107).

Na Amazônia as pessoas ainda veem seus deuses, convivem com seus mitos, personificam suas ideias e as coisas que admiram. A vida social ainda permanece impregnada do espírito da infância, no sentimento de encantar-se com a explicação poetizada e alegórica das coisas. Procuram explicar o que não conhecem, descobrindo o mundo pelo estranhamento, alimentando o desejo de conhecer e desvendar o sentido das coisas em seu redor (LOUREIRO, 2015, p. 121).

Na Amazônia ainda se convive com seus deuses lado a lado, eles fazem parte da vida cotidiana e chegaram até os dias contemporâneos por meio de antepassados que se utilizaram da oralidade, pois deixaram a mitologia como herança cultural. As narrativas são personificações de ideias e coisas que esse povo tanto admira. A procura por explicações frente ao desconhecido, aquilo do qual se ignora, o espírito de infância conforme afirma Loureiro ainda se faz presente, essa condição de infância permite que esse homem tenha a capacidade de encantar-se. Nessa seara, surgem como uma tentativa de descobrir as coisas por meio do estranhamento, o desejo de conhecer e buscar encontrar o sentido, o significado das coisas que cercam esse homem de alguma forma.

Para Loureiro a Amazônia é entendida como um espaço dotado de uma multiculturalidade: são muitas culturas que constituem a cultura amazônica. “Entende-se aqui por uma cultura amazônica aquela que tem sua origem ou está influenciada, em primeira instância, pela cultura do caboclo” (LOUREIRO, (2015, p. 49). Carregada de uma infinidade de representações místicas, folclóricas, poéticas e religiosas.

O homem amazônico é um agente transformador do habitat em que vive e, assim, conseguiu agregar uma gama de noções compreendidas a partir da sua prática. “Dessa maneira, o homem amazônico criou uma cultura de grande beleza e sabedoria, transformando em habitat onde se desenvolve seu projeto pessoal e social de vida e sonho” (LOUREIRO, 2015, p. 60). Esse homem por meio das relações estabelecidas com outros e com a natureza se formou como humano e a partir daí a cultura também surgiu sendo originada e tendo como base a mitologia.

## **4 | A INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO MITOLÓGICO NO CONTEXTO AMAZÔNICO**

É natural que esse sujeito criasse alternativas. Na compreensão de Loureiro (2015) é natural que o “caboclo amazônico” fosse buscar modos para diminuir, equilibrar essa condição desigual entre si e o meio, a solução encontrada por ele se deu por meio da

construção do imaginário. O imaginário amazônico possibilitou ao homem que pudesse manter uma relação com a natureza, e assim tivesse a oportunidade de conseguir explicar os acontecimentos oriundos dela. Nos dias atuais, ainda conseguimos notar a forte influência mítica na cultura amazônica. Loureiro (2008) destaca,

A cultura amazônica é uma rara reminiscência de cultura mítica marcada pela **dominante poética do imaginário**, como venho caracterizando em outros. Original cultura mítica sobrevivente neste terceiro milênio, onde ainda se constata uma incessante produção de narrativas fabulosas na oralidade que caracteriza a sociedade regional amazônica. São os deuses de uma teogonia cotidiana e operativa (LOUREIRO, 2008, p. 183).

Nesse sentido, a cultura amazônica é formada sobretudo por memórias, memórias de uma cultura mítica, marcada pelo domínio poético do imaginário da região. Para Loureiro (2015) a cultura amazônica é uma cultura sobrevivente, conseguiu ultrapassar a linha do tempo e chegar ainda muito viva nos dias atuais. As narrativas, ainda são transmitidas pela oralidade bem como pelos recontos copilados nos livros, e trazem em si as histórias desse povo, sendo contadas como acontecimentos históricos de extrema relevância. Essas histórias fazem parte da vida dos que habitam essa região. Constituem a (s) identidade (s) do homem amazônico.

Percebo nos fatos dessa cultura todo um universo imaginal que aciona, além de uma estética, uma ética que reordena as relações sociais, a partir da maior ou menor relação de crença com essa realidade. Uma realidade diante da qual a melhor forma de agir é fazer uma suspensão da descrença (LOUREIRO, 2008, p. 183).

A cultura amazônica é realçada por Loureiro (2008) como uma cultura de todo um universo onírico que conseguiu por sua vez acionar os campos da estética e da ética conceitos filosóficos que reordenaram o modo como as relações em sociedade se estabeleceram. Comungamos com a perspectiva de que essa cultura reorganizou as relações sociais em maior ou menor proporção por meio da vivência. As peculiaridades advindas dessa influência cultural fazem com que a alternativa mais acertada seja a suspensão da descrença como mencionada por Loureiro. Os ancestrais da região forjaram as histórias mitológicas experimentadas por eles mesmos, uma espécie de testemunho do fato ocorrido, que contribuiu, portanto, para que esse contador amazônico fosse identificado como uma espécie de guardião dos contos e mitos amazônicos.

Até hoje vivemos cercados de narrativas. Cada uma delas tem uma história a nos contar. Algo que diz respeito a nós, ao tempo em que vivemos, a valores ancestrais, a regras culturais e sociais. Essas histórias são absolutamente atuais e necessárias hoje em dia seja no teatro, na escola, seja na família, seja na igreja, seja na psicanálise, por abordar a condição humana. É por isso que, para a concretização de uma educação pautada em valores humanos e a construção de um mundo melhor, torna-se tão necessário absorver a sabedoria nelas contida (FARIAS, 2006, p. 33).

A arte de contar histórias chegou até o tempo presente. Para Farias (2006) cada uma delas possui uma história a ser contada, por meio delas são abordadas coisas que dizem respeito a nós mesmo, do tempo em que vivemos, também tratam de valores ancestrais e de regras culturais e sociais. E por tratarem disso de maneira criativa, usando sobretudo da imaginação para narrar em distintos espaços, elas permanecem sendo atuais. Sendo utilizadas como um recurso a mais que permitiu ao contador contemporâneo uma maior liberdade de abordar assuntos com crianças, jovens, idosos de forma atraente e instigante. As histórias, por meio dos enredos que possuem, da ação dos personagens, do encadeamento construído durante o caminhar dos mitos, continuou tendo o caráter familiar para as pessoas das situações acontecidas na natureza amazônica.

É nesses contextos que o mito e a poesia assumem papel histórico complementar de memória estética dos homens. E neles - mítico e poético - contribuem para situar o presente em relação ao passado, reorganizando o passado em função do presente (LOUREIRO, 2015, p. 88).

Os mitos amazônicos e também a poesia contida neles, assumiu um papel histórico, característica que propiciou para que continuassem a encantar por meio do que era contado, permitindo com isso a descoberta de distintos gêneros literários e culturais que são aprendizados significativos e de importante relevância para qualquer pessoa, independentemente da idade. A partir deles, novos saberes serão aprendidos. O objetivo das histórias míticas no passado residiu em explicar coisas da natureza que causavam temor, estranhamento por serem desconhecidas ao homem. Hoje, elas também fazem referência a isso, porém, é enfatizado o uso delas, sobretudo, para o ingresso das crianças no mundo das letras. Concebido como uma experiência única e prazerosa, não enfadonha para as crianças. A cada história, os educadores, os pais, os responsáveis oferecem para as crianças uma possibilidade que ampliará com certeza o universo delas.

Loureiro (2015) destaca a cultura amazônica existente, carregada de significados, de representações e simbologias, essas características fazem com que a cultura seja tão singular principalmente considerando a junção do mito poético amazônico. Essa função poética de embelezar o mito que sozinho já possui uma linguagem encantadora. O diálogo entre o homem e a Amazônia demandou uma riqueza cultural, poética e onírica. A região apresenta-se como original, detentora de uma cultura excêntrica marcada por traços bem típicos da região. Loureiro (2015), afirma, ainda, que o homem da Amazônia, o caboclo, carrega consigo traços oriundos dessa cultura, percebidos pelos traços na personalidade e na sua experiência cotidiana. Essa relação do homem muito próxima à natureza, criou uma conexão profunda com a mesma e com os seres místicos. Os habitantes dos locais tidos como encantados, nas matas, nos rios espaços sagrados onde as encantarias possuem a capacidade para atingir a personificação.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a mitologia como importante e significativa para a formação do homem amazônico é relevante, uma vez que os mitos tiveram sua origem no fato do homem em todas as culturas, inclusive o homem oriundo da Amazônia, a fim de explicar o desconhecido, eventos acontecidos na natureza. Motivado pela curiosidade, o homem buscou respostas, ainda que de forma não sistemática. As narrativas dariam suporte para que ele, homem, conseguisse alcançar a sobrevivência num local como a Amazônia espacialmente extensa.

O estudo permitiu observar a relação da mitologia com a cultura e o quanto ela influenciou a formação do homem na Amazônia. O imaginário que se construiu aqui forneceu base para que isso ocorresse. Esse imaginário possui como característica toda uma poética e uma estética observada nos mitos, nos contos, nas narrativas que fazem parte do acervo cultural da região. Percebemos a preocupação nos contos de enfatizar valores que pudessem de alguma forma sinalizar para os que escutavam a prudência que se deveria ter. Notamos, que embora o homem não fizesse ideia do que discutia nas narrativas, os saberes que continham nelas, os enredos eram atraentes e acabaram em sua maioria ultrapassando a linha temporal histórica e chegaram até os dias atuais. É possível observar também que a necessidade do homem de partilhar isso, começou com a cadência de desenhos nas paredes das cavernas e mais tarde com a linguagem oral mais amadurecida o homem se lançou na arte do contar.

Na contemporaneidade, a formação do ser amazônico não pode deixar de ser compreendida sem a participação da mitologia. A Amazônia foi um espaço que permaneceu afastada das demais regiões do país durante um bom tempo. Essa condição foi decisiva para que esse imaginário fosse construído, o caboclo amazônico definido por Loureiro (2015) como um ser que possui uma relação com a natureza muito próxima. Dessa relação surgiu o que o autor denomina de um olhar contemplativo desse caboclo diante da natureza de uma maneira mito poética.

O encantamento veio a partir desse olhar e permitiu que realidade e onírico caminhassem lado a lado. Para o habitante da região amazônica os deuses são verdadeiros, fazem parte da cultura local e são tidos como figuras importantíssimas. É interessante mencionar que para a sociedade amazônica a mitologia foi importante na construção da (s) identidade (s) do povo. Não há como na Amazônia realizar essa separação, para o sujeito amazônico o mítico possui o poder de reorganizar a sociedade. Daí aferimos o quanto a mitologia amazônica se constituiu como referência na formação do homem que habita essa região. Contudo, sem perder de vista a compreensão que desde a origem a educação e a filosofia estiveram presentes na medida em que esse homem começou a duvidar, a se inquietar com o mundo que o cercava.

## REFERÊNCIAS

BRAGA, Lélío e SEVERINO, Antônio J. **Filosofia, educação e formação humana**: a busca dos sentidos do fazer educativo. Disponível em: <<https://periodicos.unifap.br/index.php/estacao/article/view/1321>> Acesso em: 10 de Jan. 2018.

FARIAS, Carlos Aldemir. **Alfabetos da Alma**: histórias da tradição na escola. Porto Alegre: Sulina, 2006.

FONSECA, Edi. **Interações**: com olhos de ler, apontamentos sobre a leitura prática do professor da educação infantil. São Paulo: Editora Blucher, 2012.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **A arte como encantaria da linguagem**. São Paulo: Escrituras Editora, 2008.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica**. Manaus: Vale, 2015.

MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias**: sua dimensão educativa na contemporaneidade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

MORAIS, Regis de. Filosofia e formação humana *In*: EVANGELISTA, Francisco & GOMES, Paulo (Orgs.). **Educação para o pensar**. Campinas: Editora Alínea, 2003.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2016.

SOARES, Raimunda Lucena Melo. **A fenomenologia de Husserl**: O rigor conceitual e a importância das vivências e significações no caminho para as coisas mesmas. *In*: MONTEIRO, Maria Neusa; SOARES, Raimunda Lucena Melo; OLIVEIRA, Damião Bezerra; BRITO, Maria dos Remédios de; ABREU, Waldir Ferreira de. (Org.). **Ensaio de Filosofia e Educação**: cultura, formação e cidadania Belém: EDUFPA, 2009, v.II.

SOARES, Raimunda Lucena Melo. **Filosofia, Filosofia da Educação**: a certeza da incerteza. *In*: MONTEIRO, Maria Neusa; SOARES, Raimunda Lucena Melo; OLIVEIRA, Damião Bezerra; BRITO, Maria dos Remédios de; ABREU, Waldir Ferreira de. (Org.). **Ensaio de Filosofia e Educação**: cultura, formação e cidadania. 1ed.Belém: EDUFPA, 2008, v. I, p. 107-126.